

Índice

Prefácio	7
Introdução	17
CAPÍTULO I — Divisão fundamental	19
CAPÍTULO II — Do que se é	28
CAPÍTULO III — Do que se tem	54
CAPÍTULO IV — Do que se representa	62
CAPÍTULO V — Parêneses e máximas	118
CAPÍTULO VI — Da diferença das idades da vida	198

CAPÍTULO I

Divisão fundamental

Aristóteles (*Ethica ad Nicomachum* [Ética a Nicómaco], I, 8) dividiu os bens da vida humana em três classes — os exteriores, os da alma e os do corpo. Sem conservar senão esta tripartição, afirmo que a base da diferença na sorte dos mortais se reduz a três determinações principais. A saber:

- 1) O que se *é*, ou seja, a personalidade no sentido mais amplo. Incluem-se, portanto, aqui a saúde, a força, a beleza, o temperamento, o carácter moral, a inteligência e a educação.
- 2) O que se *tem*, ou seja, a propriedade e os bens em todos os sentidos.
- 3) O que se *representa*: entende-se, como é sabido, por esta expressão o que se *é* na representação de outros, isto é, no fundo, como se *é representado* por eles. Consiste, por conseguinte, na opinião que os outros têm de nós e divide-se em honra, estatuto e fama.

As diferenças a considerar na primeira rubrica são as que a própria natureza estabeleceu entre os seres humanos, do que pode já deduzir-se que a influência dela sobre a sua felicidade, ou infelicidade, será muito mais essencial e profunda do que a gerada simplesmente por determinações humanas, indicadas nas duas rubricas seguintes. Todos os méritos do estatuto, do nascimento, mesmo do nascimento real, da riqueza, etc., estão para os *genuínos méritos pessoais*, para o espírito grande ou o grande coração como os reis de teatro estão para os

reis verdadeiros. Já *Metrodoro*, o primeiro discípulo de Epicuro, deu a um capítulo o título “Περὶ τοῦ μείζονα εἶναι τὴν παρ’ ἡμῶν αἰτίαν πρὸς εὐδαιμονίαν τῆς ἐκ τῶν πραγμάτων” (“Majorem esse causam ad felicitatem eam, quae est ex nobis, ea, quae ex rebus oritur” [Clemente de Alexandria, *Stromata*, II, 21, p. 362, edição de Würzburg das *Obras Polémicas*]).⁴ E a verdade é que, para o bem-estar da pessoa, e mesmo para toda a sua maneira de ser, o principal é, manifestamente, aquilo que reside ou acontece nela própria. Com efeito, é nisto que consiste directamente a sua satisfação, ou insatisfação, interior, que é, antes de mais, o resultado do seu sentir, querer e pensar, ao passo que tudo o que se situa no exterior só indirectamente tem influência. Por isso, os mesmos acontecimentos ou circunstâncias afectam cada qual de modo completamente distinto e, vivendo no mesmo ambiente, cada qual vive, mesmo assim, num mundo diferente. É que a pessoa só tem que ver directamente com as suas próprias representações, sentimentos e agitações da vontade: as coisas exteriores apenas têm influência nela na medida em suscitam tudo isto. O mundo em que cada qual vive depende, antes de mais, do modo como o apreende, adaptando-se, assim, à diversidade das cabeças: de acordo com esta, ele resultará pobre, insípido e superficial, ou rico, interessante e pleno de sentido. Enquanto, por exemplo, muita gente inveja o outro pelos sucessos interessantes que lhe aconteceram na vida, deveria, isso sim, invejá-lo pelo dom da compreensão que atribuiu àqueles sucessos o significado que têm na sua descrição: pois o mesmo sucesso que, numa mente engenhosa, se mostra tão interessante seria, apreendido por uma mente superficial e vulgar, apenas uma cena insípida do mundo quotidiano. Isto revela-se no mais alto grau em muitos poemas de Goethe e de Byron, a que subjazem claramente acontecimentos reais: um leitor tonto é capaz de invejar o poeta pelo episódio mais encantador, em vez de invejar a imaginação poderosa que foi capaz de fazer de um incidente bastante corriqueiro algo tão grandioso e tão belo. Do mesmo modo, o melancólico vê uma cena trágica onde o sanguíneo não se defronta senão com um conflito interessante e o fleumático, com algo irrelevante. Tudo isto

4 “A causa da felicidade que nasce em nós é maior do que a da que tem origem nas coisas.”

assenta em que qualquer realidade, ou seja, qualquer presente pleno, consiste em duas metades, o sujeito e o objecto, embora numa ligação tão necessária e estreita como o oxigénio e o hidrogénio na água. Quando a metade objectiva é completamente idêntica, mas a subjectiva é diferente, a realidade presente é, por conseguinte, tal como no caso inverso, inteiramente distinta; a mais bela e melhor metade objectiva, se a subjectiva for obtusa e má, propicia apenas uma realidade e um presente maus, da mesma forma que uma região bela quando está mau tempo ou reflectida por uma *camera obscura* de má qualidade. Ou, para falar de maneira mais chã: todos estão metidos na sua consciência como na sua pele e vivem directamente apenas nela; por isso, não há muito que se possa fazer por eles a partir de fora. No palco, um representa o príncipe, um outro, o conselheiro, um terceiro, o criado, ou o soldado, ou o general, etc. Mas estas diferenças apenas existem externamente; no interior, como cerne de uma figura assim, encontra-se o mesmo em todos: um pobre comediante, com os seus flagelos e aflições. Na vida, também é assim. As diferenças de estatuto e de riqueza dão a cada qual um papel para representar; mas a este não corresponde de modo nenhum uma diferença interior de felicidade e de bem-estar, antes também aqui se encontra em cada qual o mesmo pobre diabo, com as suas aflições e os seus flagelos, que, sem dúvida, do ponto de vista da matéria, são diferentes de caso para caso, mas, do ponto de vista da forma, isto é, da essência autêntica, são os mesmos mais ou menos em todos; se bem que com diferenças de grau, que, porém, de modo nenhum se regulam pelo estatuto e pela riqueza, ou seja, pelo papel representado. É que tudo o que, para o ser humano, existe e acontece apenas acontece directamente na sua *consciência* e para esta; assim, manifestamente, o que é essencial antes de mais é a natureza da consciência em si mesma e, na maioria dos casos, esta importa mais do que as figuras que nela se representam. Toda a opulência e todos os deleites, reflectidos na consciência obtusa de um idiota, são muito pobres em comparação com a consciência de *Cervantes* ao escrever o *Don Quijote* numa prisão desconfortável. — A metade objectiva do presente e da realidade está nas mãos do destino e, por conseguinte, é mutável: a metade subjectiva somos nós próprios, pelo que, no essencial, ela é imutável. Em conformidade, a vida de todas as pessoas, apesar de todas as mudanças vindas do exterior, tem

sempre o mesmo carácter e é comparável a uma série de variações sobre *um* tema. Ninguém consegue libertar-se da sua individualidade. E, tal como o animal, em todas as circunstâncias em que o colocamos, fica limitado ao círculo estreito que a natureza traçou inapelavelmente ao seu ser, razão pela qual os nossos esforços para fazer feliz um animal de estimação têm de manter-se sempre dentro de balizas apertadas, justamente por causa daqueles limites do seu ser e da sua consciência — assim acontece também com o ser humano: a medida da felicidade ao seu alcance está antecipadamente determinada pela sua individualidade. Sobretudo os limites das forças da sua mente estabeleceram de uma vez por todas a sua aptidão para prazeres mais elevados. Se são estreitos, todos os esforços vindos de fora, tudo o que as pessoas, tudo o que a sorte faça por ele não conseguirão levá-lo além da medida da felicidade e do bem-estar vulgares, semianimalescos: fica remetido ao prazer dos sentidos, a uma vida de família aconchegada e alegre, a uma convivência medíocre e a distrações banais. Mesmo a educação não consegue, no conjunto, fazer muito para alargar esse círculo, ainda que alguma coisa consiga. Pois os prazeres supremos, os prazeres mais variados e mais duradouros, são os do espírito, por mais que, na juventude, nos iludamos a este respeito; tais prazeres, porém, dependem sobretudo das faculdades inatas. — Isto torna, portanto, claro até que ponto a nossa felicidade depende daquilo que *somos*, da nossa individualidade; enquanto, na maior parte das vezes, se invoca apenas o nosso destino, apenas o que *temos* ou o que *representamos*. Mas o destino pode emendar-se; além disso, havendo riqueza interior, não se lhe exigirá muito. Em contrapartida, um paspalho não deixa de ser um paspalho, um bruto obtuso não deixa de ser um bruto obtuso até ao fim, ainda que estivesse no paraíso rodeado de huris. Por isso, diz Goethe:

Povo e servo e senhor
 O confessam de toda a idade:
 Que a sorte melhor dos homens
 É só a personalidade.⁵

(“Divã Ocidental-Oriental”)

5 Trad. Paulo Quintela.

O facto de, para a nossa felicidade e o nosso prazer, o subjectivo ser incomparavelmente mais importante do que o objectivo confirmasse em tudo: desde a fome ser a melhor cozinheira e o velho olhar com indiferença para a deusa do jovem, até ao cume da vida do génio e do santo. Sobretudo a saúde sobreleva tanto todos os bens exteriores que, em verdade, um mendigo saudável é mais feliz do que um rei doente. Um temperamento tranquilo e alegre assente numa saúde perfeita e numa constituição afortunada, um entendimento claro, vivo, penetrante e perspicaz, uma vontade morigerada, suave, e, por conseguinte, uma boa consciência, tudo isto são qualidades que nenhum estatuto ou riqueza podem substituir. Pois o que alguém é para si mesmo, o que o acompanha na solidão e que ninguém pode dar-lhe nem tirar-lhe é, claramente, mais essencial para ele do que tudo o que possa possuir ou que possa ser aos olhos dos outros. Uma pessoa com dotes intelectuais tem, na plena solidão, um entretenimento excelente nos seus próprios pensamentos e fantasias, ao passo que a alternância constante de reuniões sociais, espectáculos teatrais, excursões e divertimentos não consegue afastar de uma pessoa obtusa a tortura do tédio. Um carácter bom, moderado, suave pode estar satisfeito em situações de carência, ao passo que, por maior que seja a riqueza, um carácter ambicioso, invejoso e mau não está. Mais ainda: para aquele que usufrui em permanência de uma individualidade extraordinária, intelectualmente superior, a maioria dos prazeres em geral desejados é de todo em todo supérflua, e mesmo apenas um estorvo e um fardo. Por isso, diz Horácio a respeito de si mesmo:

Gemmas, marmor, ebur, Thyrrhena sigilla, tabellas,
 Argentum, vestes Gaetulo murice tinctas,
 Sunt qui non habeant — est qui non curat habere⁶;

e Sócrates, ao ver artigos de luxo expostos para venda, disse: “quanta coisa existe de que não tenho necessidade!”

⁶ “Pedras preciosas, mármore, marfim, estatuetas etruscas, / pinturas, trabalhos de prata, vestes tingidas no múrice da Getúlia, / há os que nunca as têm, e há o que não as quer ter” (Horácio, *Epistulae*, II, 2, 180-182; trad. Pedro Braga Falcão).